



# Passrear pelo Douro até à foz do Côa

Partimos de Figueira de Castelo Rodrigo e vamos de aldeia em aldeia até à foz do Côa, seguindo uma rota que contorna a serra da Marofa e que desce até ao Douro em Almendra, para contemplarmos encostas recortadas em socacos onde crescem vinhedos que produzem alguns dos melhores vinhos da região

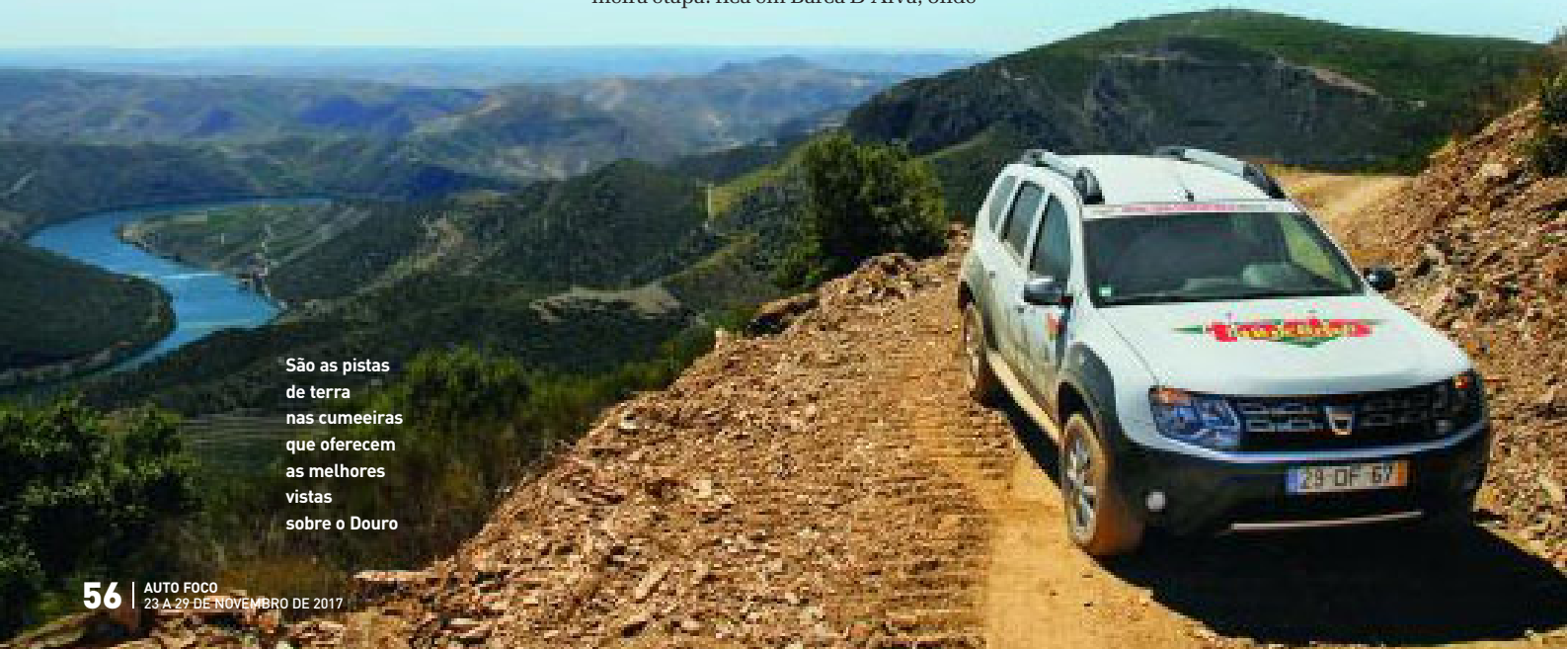
por **ALEXANDRE CORREIA\***

**T**ODAS as terras que vamos percorrer neste segundo itinerário das Rotas Todo Terreno Dacia Duster no Rio Douro integravam o Reino de Leão. Passaram para a coroa portuguesa há precisamente 720 anos, na sequência do Tratado de Alcanizes, que

redesenhou a linha da fronteira, recuando-a desde o vale do Côa até ao vale do rio Águeda. Ambos são importantes afluentes do Douro e correm entre apertadas falésias na fase final do seu curso, antes de alcançarem a foz.

Pela foz do Águeda, já passámos na primeira etapa: fica em Barca D'Alva, onde

terminava a admirável linha de caminho de ferro do Douro. Quanto ao Côa, alcança o Douro praticamente no ponto final desta etapa, à sombra de Vila Nova de Foz Côa, que já foi elevada a cidade e ganhou distinção com a descoberta de importantes núcleos de gravuras rupestres, salvos *in-extremis* de ficarem submer-



São as pistas de terra nas cumeeiras que oferecem as melhores vistas sobre o Douro



Momento vulgar de pasmeira na Praça do Município em Figueira de Castelo Rodrigo

... para sempre pelas águas de uma baragem que já estava em adiantada fase de construção, quando as obras foram interrompidas, no outono de 1995. Por coincidência, também junto ao rio Águeda há diversas gravuras rupestres, mas neste caso a sua existência não ganhou a visibilidade das do Côa; talvez por não estarem em risco, mas não por serem menos importantes e relevantes...

As gravuras rupestres do Águeda e do Côa são a maior evidência da antiguidade da presença humana nesta região, mas se esquecermos esse passado tão distante, em toda esta zona há vestígios que remontam à ocupação da península ibérica pelo Império Romano. E mais recentemente, temos os castelos que foram originalmente edificadas pelo Reino de Leão, para se defenderem inclusive dos ataques dos portugueses, para após a assinatura do Tratado de Alcanizes, a 12 de setembro de 1297, trocarem de bandeira e manterem a mesma função, mas invertendo o lado inimigo. Nos termos deste acordo, que ganhou especial lugar na história por ser considerado o mais antigo tratado fronteiriço de sempre, Portugal cedeu para os reinos de Leão e Castela desde Ayamonte, na foz do Guadiana, a Aroche e Aracena, as serras vizinhas de Barrancos, mas também as zonas de Ferreira de Alcântara e Valência de Alcântara, entre outras, junto ao actual Tejo Internacional. Em contrapartida, a bandeira nacional foi içada em Campo Maior, Ouguela e Olivença,

no Alentejo, mas também em inúmeras povoações beirãs, das chamadas terras de riba-Côa, desde o Sabugal a Castelo Rodrigo e Castelo Melhor, ou seja, quase desde a nascente à foz do rio Côa. Desde então a fronteira apenas pontualmente foi redesenhada: além de perdida Olivença em 1802, no decurso das invasões napoleónicas, também Ermesinde e Salvaterra do Minho passaram para o outro lado, para a Galiza, e nesta zona, onde nos encontramos, ficamos sem a aldeia de São Félix dos Galegos. E durante o período em que Portugal foi liderado pelos reis de Espanha, entre os séculos XVI e XVII, submetemos todo o território às ordens do *inimigo*.

Castelo Rodrigo foi um caso singular nesta *reintegração* à coroa espanhola das terras cedidas a Portugal pelo Tratado de Alcanizes. Filipe I de Espanha e Portugal – goste-se ou não, a história já não se reescreve... – distinguiu Castelo Rodrigo como condado, atribuindo o respectivo título a Cristóvão de Moura, que escolheu o ponto mais alto da vila para construir o seu palácio, no local onde se situava a torre de menagem. Ao nomear conde um português, Filipe I despertou profundos ressentimentos entre as gentes locais; de tal modo que em 1640, dias após a Restauração da Independência, o povo arrasou o palácio, que até hoje permanece em ruínas. A retaliação tardou duas décadas,



A Torre do Relógio sobressai acima dos telhados, em Figueira de Castelo Rodrigo



Panorâmica exterior da vila de Castelo Rodrigo

mas nem depois de terem cercado Castelo Rodrigo as tropas castelhanas conseguiram vencer: acabaram derrotadas num confronto que teve como epílogo a batalha travada ali perto, a 7 de julho de 1664. Já no despoitar do século XIX, por lá passaram as tropas de Napoleão e, para correr com os franceses, os mercenários ingleses, liderados pelo famoso General Wellington, o tal que dá nome às *botas de água*, em borracha, e ao apetitoso bife cozinhado no forno, envolto em massa folhada!

E agora, é raro o dia em que Castelo Rodrigo não seja invadido por hordas de estrangeiros. São quase diárias as visitas das excursões dos turistas que embarcam nos cruzeiros fluviais pelo Douro e que a cada escala trocam os navios pelos autocarros que os levam a passear pelas terras além do rio. Como nós propomos com mais esta Rota Todo Terreno Dacia Duster...



Espreitar os campos desde o adro da igreja de Castelo Rodrigo

### Rota de Cabral do Côa ao Brasil

Visitamos Castelo Rodrigo, percorrendo as suas ruínas e se tivermos tempo de sobra, podemos até entrar nas ruínas do Palácio Cristóvão de Moura. Lá do alto, as vistas são ainda melhores. Espreitando para nascente, descobrimos mesmo ali em baixo o Convento de Santa Maria de Aguiar, que pertenceu à Ordem de Cister e que já no século XVI foi alvo de grande contestação pelo povo local, devido, imagine-se, à conduta imoral dos frades! Mistura dos estilos românico e gótico, este convento, que nunca foi de grande importância dentro da ordem cisterciense, passou para a posse de privados em meados do século XIX, quando as ordens religiosas foram extintas e perderam os seus bens. Como estamos mais ali ao lado, não perdemos nada em visitá-lo e depois somente percorremos mais 3 quilómetros até Figueira de Castelo Rodrigo, de onde vamos arrancar, partindo da Avenida 25 de Abril, no centro da vila, junto ao amplo jardim. Na esquina onde se situa o Posto de Turismo, tomamos a direção de Almeida e ▶▶



Antes de descobrir o Brasil, Álvares Cabral viveu nesta casa no Colmeal



O brasão dos Cabrais no Colmeal



Burros junto aos olivais de Milheiro

► Pinhel, subindo pela N221, para já depois da vila, na rotunda que distribuiu o trânsito para Castelo Rodrigo, Almeida ou Pinhel, escolhermos esta última possibilidade, prosseguindo à direita, pela N221. Descemos cerca de 5 km, sempre com a serra da Marofa pelo lado direito, até encontrarmos, a meio de uma longa curva para a esquerda, um desvio que nos indica, para a direita, o Colmeal. Vamos até lá conhecer esta antiga aldeia, que foi durante largos tempos sede de freguesia, tal a sua importância.

A Quinta do Colmeal foi herdada pelo século XV pela mãe de Pedro Álvares Cabral. Muito antes de descobrir o Brasil, o famoso navegador descobriu estes domínios, onde foi sendo construída uma aldeia que em 1957, quando foi abandonada, ainda albergava 14 famílias e seis dezenas de pessoas, num conjunto de casas de xisto dispostas ao lado da pequena igreja e do Solar dos Cabrais. Escondida num recanto por baixo da serra, a aldeia assim permaneceu, sem ninguém, por meio século. Até que os atuais proprietários, encantados com o ambiente de absoluta tranquilidade que ali se vive, decidiram reavivar a aldeia, estabelecendo um plano para a sua recuperação, que neste momento passa pela reconstrução da igreja, depois de já ter sido feita uma profunda intervenção no solar, dentro de cujas paredes nasceu um daqueles hotéis improváveis. Tem apenas 11 quartos, a que se acrescenta uma casa de campo, para famílias de turistas, como acontecerá com as ruínas das restantes casas da aldeia. Ali, onde im-



Caminhos rodeados de estevas e giestas



O itinerário desta segunda rota Dacia Duster no Douro cruza por duas vezes o rio Côa

pera o silêncio, o convite é a repousar e não encontramos melhor recomendação para uma estadia nesta região. Nem melhor restaurante, pois a ementa é assinada por um dos chefes de maior prestígio, reconhecido pelo enorme respeito com a cozinha tradicional: Vítor Sobral.

Continuando o passeio, retomamos a N221 até à ponte sobre o Côa. Ou quase, pois antes de a atravessarmos desviamos para a direita e trocamos a N221 pela estrada municipal que indica o caminho até Milheiro, Luzelos e Penha de

Águia. Para espreitarmos a primeira, onde já só sobram «duas famílias e um homem solteiro», como nos contaram, há que fazer um ligeiro desvio, que vale a pena, nem que seja para apreciar os burros que correm livres entre um conjunto de algumas oliveiras milenares. Já em Luzelos, que era aldeia mais importante, com paciência encontrará os vestígios de duas villas romanas, entre as ruínas de uma grande casa senhorial, toda em pedra. Em Penha de Águia regressamos à *civilização* e atravessamos a aldeia,



Ruínas de uma casa senhorial na aldeia de Luzelos



O Solar dos Mendonças em Freixeda do Torrão



O que resta de uma fonte romana em Vilar de Amargo

Já não passam comboios na estação de Castelo Melhor, mas passam os navios de cruzeiros que sobem o Douro



Fachada do imponente Solar de Almendra

## Dados úteis

### FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

Padaria Gomes

N332, Zona Industrial  
Telf. 271311203  
A hola de azeite (1,20€)  
e as holas de carne (5 a 8€)  
e de sardinha são excelente.

### COLMEAL

Colmeal Countryside Hotel

www.colmealhotel.com  
Telf. 271312352  
Na Quinta do Colmeal, uma aldeia abandonada e o antigo Solar dos Cabrais renasceram para dar lugar a um pequeno e acolhedor hotel.

### ARRIBAS DO CÔA

Reserva Faia Brava

Projeto único em Portugal, a Reserva Faia Brava estende-se por hectares e hectares de terras que confinam com as arribas do Côa, entre as aldeias de Vale de Afonsozinho e de Algodres.  
www.atnatureza.org

### CASTELO MELHOR

Núcleo de Penascosa do Parque Arqueológico do Vale do Côa

Telf. 279768260  
Visitas guiadas ao núcleo de Penascosa do Parque Arqueológico do Vale do Côa, situado a 6 km de Castelo Melhor. São 36 gravuras desenhadas nas rochas.  
O acesso encerrado à segunda-feira. 10€.

para depois continuarmos em direção a Figueira de Castelo Rodrigo até, 2,6 km depois, encontrarmos o desvio à esquerda para Freixeda do Torrão. Nesta, seguimos as indicações para o Solar dos Metelos e vamos espreitar esta enorme casa de pedra, com uma invulgar torre mesmo em frente. Parte do casarão ainda é habitado, mas grande parte está em ruínas, embora a fachada se mantenha de pé e não deixe perceber isso. O solar fica, literalmente, no fundo da aldeia. Vamos sair pela direção oposta à saída,

junto ao cemitério, tomamos a direita, para Vila Nova de Foz Côa. Desde aí até ao entroncamento com a N332 percorremos 3,2 km, pelo planalto, rodeados de campos repletos de barrocos de granito.

### Rumo ao Douro

Entrando na N332 pela esquerda, vamos atravessar logo de seguida Vilar de Amargo, onde vale a pena entrar e procurar pela fonte romana, chegando mais abaixo a Almendra. Aqui não faltam construções monumentais, nem solares

No brasão da fachada do Solar de Almendra nunca foram lavradas as armas do Visconde de Banho e Almendra

brasonados. Impressiona o enorme Paço do Visconde de Saúde, com uma fachada com 20 janelas, onde as armas da família nunca chegaram a ser lavradas no brasão que encima o balcão sobre a porta principal. Incendiado pelas tropas napoleónicas, ainda foi parcialmente recuperado no início do século XX, mas está em ruínas e abandonado há longos anos. Tomara um dia seja recuperado!

Após Almendra, a estrada divide-se: para a direita descemos a N332 até à Estação dos Caminhos de Ferro de Almendra, e para a esquerda iniciamos a N222, que segue ao longo da margem esquerda do Douro até ao Porto. Descemos os 10 km até à estação, onde já não passamos comboios, apreciando a vista sobre as encostas do Douro e das melhores quintas, como a da Lêda, atual berço do Barca Velha. E depois, tomamos a N222 até Vila Nova de Foz Côa, fazendo no caminho um desvio para subirmos ao Castelo Melhor e, se puder, descer às gravuras rupestres de Penascosa. Em Foz Côa, avance até ao Museu do Côa e desde a ponta do edifício contemple a paisagem sobre o Douro e a foz do Côa. Boa jornada! ●

\* Diretor da revista **TUDO TERRENO**



Do alto do Castelo Melhor aprecia-se toda a aldeia



Esta rota atravessa o Parque Arqueológico do Vale do Côa